



PARADIDÁTICO PARA QUÊ ? REPENSANDO O USO DESSE MATERIAL

Daniela Cristina Larrubia Gomes
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

Considerando as discussões sobre a importância da leitura dentro da escola, este artigo aborda problemas relativos ao uso de um dos muitos meios de incentivo à essa prática: o livro paradidático nas aulas de Língua Portuguesa.

Com base nas contribuições de Perelman dentro do campo da retórica, o artigo propõe uma reflexão sobre o uso desse material no 9º ano do Ensino Fundamental das escolas privadas do bairro de Campo Grande com o objetivo de validar ou não seu uso para esse aluno que chega ao ensino médio. A pesquisa se acha em andamento e tem por perspectiva coletar dados, por meio de um questionário, que permitirão analisar os principais argumentos dos professores sobre o trabalho com os paradidáticos.

Palavras –chave : argumento – leitura – retórica – paradidático



ABSTRACT

Considering the discussions about the importance of reading in school, this paper addresses issues relating to the use of one of many ways to encourage this practice: the textbook in teaching Portuguese. Based on the contributions of Perelman within the field of rhetoric, the article proposes a reflection on the use of this material in the 9th grade of elementary school private school in the neighborhood of Campo Grande in order to validate whether or not its use for this student who arrives secondary education. The research finds himself in progress and has the prospect to collect data through a questionnaire, which will examine the main arguments of the teachers on working with the textbooks.

Keywords: argument - reading - rhetoric - paradidactic

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a análise dos argumentos que sustentam o uso do livro paradidático nas aulas de Língua Portuguesa no 9º ano do ensino fundamental .

O interesse por esse tema surgiu a partir da observação do uso desse material , muitas vezes de forma estanque e descontextualizada , em algumas escolas . Como o objetivo do livro paradidático (ou pelo menos deveria ser) é integrar as discussões em sala com assuntos do cotidiano afim de ampliar o leque de conhecimento de mundo , não pode ser trabalhado apenas no dia da avaliação como algo frio e desconectado ao conteúdo que está atrelado ao planejamento .

Com esse tipo de procedimento , o aluno perde o interesse pela leitura do material , uma vez que não vê aplicabilidade alguma com o conteúdo visto . A falta de interesse pela leitura cresce e o aluno não entende o nexos entre a matéria e a leitura de um livro que nem foi citado em sala , apenas consta na lista de material .

Sem um projeto contextualizado , o paradidático , em algumas escolas , não é escolha do professor . Muitas vezes , é uma imposição da direção , seja por uso da



autoridade , seja por alianças com editoras . Esse é um ponto a ser investigado através de uma das perguntas do questionário .

A possibilidade da escolha do material ter argumentos mais políticos do que intelectuais, pode refletir na falta de sucesso do incentivo à leitura para os futuros alunos do ensino médio .

O tema em questão será aprofundado através de aplicação de questionários para professores de português do 9º ano das escolas privadas do bairro de Campo Grande . A partir das respostas , será possível mapear a rede argumentativa que sustenta o uso do material nessas escolas .

Através do método da análise retórica , o trabalho se apoia nas teorias de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts –Tyteca (1996) e Olivier Reboul (2000) e procura nas respostas dos questionários uma meta – estrutura que possa servir como um mapa , mostrando todo o curso da argumentação que é , segundo Reboul (2000) algo que pertence ao racional e ao retórico ao mesmo tempo .

Iniciando com uma breve história da retórica , o trabalho se apoia na aplicação dos elementos discursivos e identificação de metáforas , argumento de autoridade , posicionamento do orador , auditório , petição de princípio e outros que serão trabalhados durante a pesquisa .

A análise dos questionários será detalhada , afim de se perceber , ou pelo menos tentar , qual é o curso dessa argumentação .

O trabalho não consiste em uma resposta definitiva e sim no início de um estudo. A argumentação será vista como arte e estratégia , não como algo falacioso .

UM POUCO DE RETÓRICA

O referencial teórico é a análise retórica com base nas teorias de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (1996), que desenvolveram um estudo acerca das construções dos diferentes discursos que permeiam a vida social .Esses autores empregam uma série de categorias que serão usadas nas análises dos



questionários , as quais serão comentadas sucintamente. A primeira categoria é a do orador que é todo aquele que dirige um discurso a um público determinado , seja ele composto por ouvintes ou por leitores . Todo orador se caracteriza por possuir um *ethos* , isto é , um conjunto de disposições que o identificam perante o auditório. Essas disposições podem ser bom senso , clareza na exposição dos argumentos , sutileza , caráter tendencioso. É por meio do *ethos* que o orador estabelece vínculos com o auditório os quais influenciarão nos graus de adesão ao discurso .

A segunda categoria é representada pelo auditório , ou seja , o público ao qual o orador se dirige , que segundo Charaudeau (2004) , a Nova Retórica , divide em particular e universal . Os auditórios são heterogêneos ,mas possuem uma característica comum; são juízes que avaliam os argumentos apresentados pelo orador e , a partir daí , apresentam os graus de adesão . Essa receptividade por parte do auditório em relação ao orador é chamada de *pathos* .

A terceira categoria é o auditório universal que corresponde ao auditório ideal , aquele no qual o orador encontra uma homogeneidade e que , a partir daí , constrói seu discurso . É um auditório que funciona como ponto de partida para que o orador questione seus argumentos e tenha certeza que eles podem convencer o todo .

A quarta e última categoria são as figuras que , segundo Citelli (2002:19) são importantes recursos para prender a atenção do receptor [orador para Reboul] naqueles argumentos articulados pelo discurso . Já para Charaudeau (2004) , em retórica , a primeira tarefa que deve enfrentar a toda teoria das figuras é de sua nomenclatura e classificação . O uso de figuras de linguagem não tem apenas funções estéticas , tendo também o objetivo de persuadir mais facilmente o auditório . Exemplos de figuras : metáforas , comparações, analogias , hipérboles entre outras .

As figuras contribuem de modo significativo para a persuasão , de modo que , se a figura produz no auditório tal efeito, cabe considerá-la como argumento e não apenas como ornamento.

Na Língua Portuguesa , pode-se apontar como uma das contribuições da análise retórica o mapeamento do texto a fim de entendê-lo melhor e perceber onde começa e termina a argumentação do orador .



CONTEXTUALIZANDO O QUADRO TEÓRICO

As perguntas feitas no questionário foram elaboradas com a finalidade de expor ao máximo os argumentos dos oradores (professores de língua portuguesa). Para que nenhuma pergunta ficasse limitada às respostas como “sim” ou “não”, o “por que” foi colocado, obrigando o orador a defender seus argumentos perante seu auditório.

Na verdade, o auditório desses oradores não são seus alunos e sim outros professores que lerão a pesquisa depois de pronta.

As recentes pesquisas acerca da retórica têm procurado renovar as concepções, afastando-se daquela preocupação de a tudo dar nomes, e buscando muito mais colocar questões como o diálogo na sala de aula e os materiais que se usam.

Sem dúvida este novo papel está veiculado a dois pólos importantes: o da dialética e o das técnicas de argumentação, ou seja, reaparece o tópico que deseja estudar a organização discursiva a fim de apreender os procedimentos que permitem ligar a adesão de um ponto de vista àquelas ideias que lhes são apresentadas.

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), dialética designa uma forma particular de diálogo, que se desenvolve entre dois parceiros, cujas trocas são estruturadas em função de papéis específicos, orientada para a procura metódica da verdade.

O quadro teórico deve ser contextualizado na pesquisa para que seja possível a ligação entre a teoria e a metodologia em questão. Para Bourdieu (1998), “a divisão teoria/metodologia constitui em oposição epistemológica uma oposição constitutiva da divisão social do trabalho científico num dado momento (como a oposição entre professores e investigadores de gabinetes de estudos)”. Ele pensa que se deve recusar completamente esta divisão em duas instâncias separadas, pois está convencido de que não se pode re-encontrar o concreto combinando duas abstrações.

Não existe teoria sem metodologia nem metodologia sem teoria,



pois é a partir das hipóteses se juntando ao quadro teórico e aplicando método , que se inicia a investigação .

Essa investigação parte de uma espécie de delimitação do tema , um “recorte” . A partir desse daí , já cria-se a expectativa de um certo tipo de discurso .

A palavra “ recorte” tem como um dos sentidos “separar cortando” , o que significa separar o tipo de discurso que será analisado , ou seja , utilizando a nomenclatura de Perelman , quem é o “orador” , quem é o “auditório” e quais são os argumentos .

Cada pergunta tem um porquê , mas não há um gabarito idealizado , pois , a partir das respostas , será possível traçar um esboço do uso do material em questão em algumas escolas privadas de Campo Grande .

Segue abaixo o questionário que será aplicado e o objetivo de cada pergunta :

1 – Você acha o uso do livro paradidático importante ? Por quê ?

Espera-se , já na primeira questão, delimitar a opinião do professor sobre a importância , pois , se não for importante para ele , todo seu discurso terá que sustentar essa ideia . Ao justificar a importância , ele já expõe o que pensa sobre leitura .

2 – Qual é o objetivo do uso do livro paradidático no 9º ano ? Na sua opinião , os objetivos são atingidos ? Por quê ?

Falar de objetivo é um assunto muito específico pois cada uma , dentro do seu espaço escolar , sabe das necessidades da sua turma . Justificando , será possível perceber se o trabalho está tendo sucesso ou não .

3 – Que argumento(s) você usa para incentivar a leitura do livro ?

A pergunta provoca o orador a refletir se realmente ele acredita no que faz , para



assim , estimular a adesão do auditório .

4 – Como o livro é trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa ?

Essa questão pede para o professor contextualizar o paradidático dentro da sua disciplina .

5 – Em que razões você se apóia para adotar esse material ?

Quais são os motivos que levaram a escolha do material , o porquê de um livro e não de outro

6 – Você escolhe os livros com os quais trabalha ? Por quê ?

Com essa questão será possível saber como andam as relações políticas dentro da escola e o motivo de ter autonomia ou não na escolha do material .

7 – Você concorda com a obrigatoriedade do uso do paradidático ? Justifique :

Como na escola privada o uso é obrigatório , o docente responderá se concorda com isso ou não e dizer o porquê .

8 – Você segue as atividades sugeridas pelo livro (suplementos ou apostilas) ou elabora suas próprias atividades ? Por quê ?

Nesse momento será possível perceber se os suplementos com projetos são utilizados de forma homogênea ou o professor procura adequar às necessidades da turma , procurando trabalhar o que realmente funciona para aquele grupo .



TIPOS DE ARGUMENTOS

Não é objetivo realizar aqui uma extensa análise de todos os aspectos da argumentação referentes a nova retórica, apenas ressaltar os mais importantes ou pertinentes para este estudo. Para aquele que queira se aprofundar no assunto a fonte principal é o *Tratado da Argumentação, A Nova Retórica*, de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca.

Na edição portuguesa do livro *O Império Retórico*, Perelman também trata destes assuntos, de forma um pouco mais resumida. Oliver Reboul, na obra *Introdução a Retórica*, faz um versão ainda mais sumarizada do Tratado da Argumentação, num dos capítulos do seu livro.

Com relação às premissas da argumentação, o orador deve escolher como proposições iniciais teses admitidas pelo auditório, caso queira ter eficácia em seu discurso. São os chamados acordos prévios, de onde o orador iniciará sua argumentação. Este será o ponto de partida de seus raciocínios, pois conta com o apoio daqueles a quem se dirige. Se isto não ocorre, ou seja, se um orador considera como provado uma tese, que na verdade o auditório rejeita ou ainda não se propôs a aceitar, ele comente um dos erros argumentativos mais graves: a *petição de princípio*.

A petição de princípio só ocorre quando um auditório contesta a tese que orador supunha admitida. Seu erro é pensar que seu raciocínio e suas idéias são a expressão do que é plausível e coerente, quando na verdade são controversos para aquele público. Isto é, ele toma como premissa da argumentação algo que inicialmente o auditório já contesta ou não considera suficientemente provado. Por outro lado, uma tese não admitida por determinados ouvintes, pode ser aceita por outros interlocutores num outro contexto, daí, a relatividade da petição de princípio, a importância dos objetos de acordo e da adaptação ao auditório. (PERELMAN, 1996)

Entre os objetos de acordo que podem ser usados como premissas, encontramos aqueles que versam sobre o real. Os que se caracterizam por um acordo a respeito da realidade objetiva, na forma de objetos de acordos bem



precisos e limitados podem ser designados *fatos*. Quando lidamos com sistemas mais gerais, englobando uma relação entre vários fatos estamos no domínio das *verdades*. Como exemplo de *verdades*, teríamos as teorias científicas, filosóficas, religiosas, etc. Além disso, baseamo-nos também em *presunções* acerca do que acontece na realidade e que sustentam nossas convicções até se prove o contrário. Todos os auditórios admitem determinadas presunções a respeito do que é normal ocorrer e isto constitui o verossímil.

Quando se argumenta que os homens são superiores aos animais ou que os deuses são superiores aos homens, estamos nos apoiando em *hierarquias*, mas existe também um outro grupo de valores ainda mais abstratos que são chamados *lugares do preferível*. Como exemplo, podemos citar o lugar da *quantidade*, segundo o qual aquilo que é mais vantajoso para a maioria, aquilo que proporciona um bem maior e mais durável é preferível ao que só seja proveitoso em situações particulares e menos duradouras. Existe uma extensa classificação destes *lugares* que podem ser encontradas no Tratado da Argumentação.

A importante ressalva a ser feita é que em nossas proposições iniciais estamos sempre nos referindo ao real através dos *fatos, verdades e presunções* ou estamos nos referindo ao que é preferível através dos *valores, hierarquias e lugares do preferível*. Tudo o que é relativo ao real ou ao preferível pode suscitar a constituição de objetos de acordos iniciais, que tomamos como ponto de partida para as nossas reflexões frente a um auditório.

A partir de então iniciaremos uma argumentação onde aproximaremos elementos de um discurso através do estabelecimento de uma solidariedade entre eles, num processo conhecido como *ligação*. Neste caso, recorreremos aos argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real e argumentos que fundam a estrutura do real. Por outro lado, quando procurarmos distinguir, separar elementos antes considerados como integrantes de um todo, estaremos operando com um processo denominado *dissociação*.

Os argumentos quase-lógicos têm sua força persuasiva pelo fato de se assemelharem aos raciocínios.



A regra de justiça formal, segundo a qual *seres de uma mesma categoria essencial devem ser tratados do mesmo modo*, também esta fundamentada nesta relação de identidade que procura estabelecer um tratamento idêntico a seres ou situações que são classificadas da mesma forma. Uma outra relação formal derivada da lógica fundamenta argumentos de reciprocidade. A relação simétrica a e b , quando pode ser invertida sem prejuízos para b e a , está na base de argumentos do tipo: *o que é honroso aprender, também é honroso ensinar*. A transitividade enquanto característica que relaciona termos de modo que se $a=b$ e $b=c$, logo $a=c$, fundamenta a maneira quase-lógica do entinema *Os amigos de meus amigos são meus amigos*, como se operássemos numa transitividade. Isto é, quando nossa argumentação se apresenta de forma similar aos raciocínios formais, lógicos ou matemáticos estamos no domínio dos argumentos quase-lógicos.

Entre os argumentos baseados na estrutura do real, temos ainda aqueles que relacionam fins e meios, argumentos de desperdício, as duplas hierarquias, entre outros. Nas ações humanas, a *finalidade* de alguma coisa pode ser valorizada de forma a justificar os meios empregados. Se for necessário continuar a se emprestar aos países subdesenvolvidos, para evitar a falência dos mesmos, ou mesmo a inadimplência, estamos diante de um argumento de *desperdício*. Quando estabelecemos uma hierarquia de valores entre duas coisas distintas e estendemos esta hierarquia a dois novos elementos com relação ao que fora estabelecido anteriormente estamos diante de *duplas hierarquias*.

Os argumentos dos professores serão analisados a partir dessas concepções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que estou estruturando e que culminará na dissertação, vai analisar os argumentos que sustentam o uso dos livros paradidáticos no 9º ano do ensino fundamental das escolas privadas. Feito o “recorte”, o questionário tem questões que visam estimular e provocar a argumentação.

A dissertação está em andamento, logo, ainda não há dados que sustentem a idéia de repensar o uso do paradidático.



A proposta é fazer com que o professor reflita sobre sua prática em sala de aula enquanto formador de opinião e permitir uma avaliação de seu trabalho através do uso do material .

Este trabalho é o primeiro de muitos degraus que serão explorados ao decorrer do Mestrado e nasceu de uma inquietação diante do que se fala sobre leitura .

“Ler é importante” , mas por quê ? Em que o livro ajuda ? Como os professores podem ajudar? O importante é refletir e , se for o caso , rever as práticas para melhoras cada vez mais o trabalho docente .

Esta não é a última palavra , mas o ponto de partida para outros estudos .

REFERÊNCIAS

BOURDIEU,P . **Introdução a uma sociologia reflexiva** , In O poder simbólico , Rio de Janeiro ,

Bertrand Brasil , 1998 .

CITELLI , Adilson . **Linguagem e Persuasão** . 15ed . São Paulo : Ática , 2002 .

CHARAUDEAU , Patrick , MAINGUENEAU , Dominique . **Dicionário de análise do discurso** - São Paulo : Contexto , 2004 .

PERELMAN , Chaim , OLBRECHTS – TYTECA , Lucie . **Tratado da Argumentação : a nova retórica** . São Paulo : Martins Fontes , 1996 .

REBOUL , Olivier . **Introdução à retórica** . São Paulo : Martins Fontes , 2000 .